

Marcos Fava Neves
Vinícius Cambaúva

Em fevereiro, as exportações do agronegócio atingiram a cifra de US\$ 6,47 bilhões, o que refletiu um aumento de 2,8% frente ao mesmo mês do ano anterior, de acordo com o MAPA. O segmento de maior destaque no mês (26,1% do total) foi o complexo soja com vendas em torno de US\$ 1,13 bilhão, ainda que o valor represente queda de 33,1% nas receitas frente ao ano anterior, em virtude dos atrasos na colheita da oleaginosa no país. Na segunda colocação, o segmento de carnes (19,8%) vendeu cerca US\$ 1,28 bilhão (-1,2%); O terceiro segmento que mais exportou foram os produtos florestais (13,1%), fechando o mês em alta de 3,0% na comparação anual, com receita em torno de US\$ 846,3 milhões. Na sequência está o setor sucroalcooleiro (10,5%), o qual representou a maior expansão mensal entre todos os segmentos, com US\$ 681,0 milhões (+44%). Completando o *top five*, na quinta colocação, ficou o café (7,0%), com US\$ 453,7 exportados (+7,7%). O segmento de cereais, farinhas e preparações, da qual o milho é um produto integrante, ficou na sétima posição, com US\$ 246,0 milhões exportados (+74,3%). Ainda assim, o milho apresentou um ótimo resultado para fevereiro, exportando 821 mil toneladas e rendendo US\$ 172 milhões, crescimento de 150% e 158%, respectivamente, na comparação com o mesmo mês de 2020. As importações do agro foram de US\$ 1,22 bilhões (+14,9%) para o mês, o que resultou um saldo mensal positivo na balança comercial de US\$ 5,24 bilhões (-16,6%).

Para o fechamento da safra 2019/20, segundo dados divulgados recentemente pela Conab, o Brasil exportou 34,85 milhões de toneladas de milho, uma média 22% superior aos últimos 5 anos, mesmo com a queda de 15,3% em relação ao ciclo anterior. Na liderança, o estado de Mato Grosso respondeu por 34,8% de todas as exportações do país, com 23,18 milhões de toneladas (-4,2%); seguido de Goiás e Distrito Federal, com 3,8 milhões de tons. cada.

No cenário internacional, no relatório mais esperado do mês de março, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) projetou a safra mundial de milho em 1,14 bilhão de toneladas, com estoques finais de 286,67 milhões. A nova projeção do órgão americano é que os EUA produzam 360,25 milhões de toneladas (31,6%); Brasil, 109 milhões (9,6%); e a Argentina, 47,5 milhões (4,2%). Na, a estimativa global é de 361,82 milhões de toneladas. Com isso, para o Brasil, é esperada uma produção de 134 milhões de toneladas da oleaginosa, enquanto que EUA e Argentina devem produzir, respectivamente, 112,55 e 47,5 milhões de toneladas. Dessa forma, os estoques finais globais do grão devem ser de 83,74 milhões de

toneladas. Já no algodão, o departamento estima uma safra global de 24,67 milhões de toneladas e estoque de 20,59 milhões. A China divide a liderança com a Índia, no ciclo atual, com previsão de 6,31 milhões de toneladas (25,6%), sendo que Estados Unidos aparecem em seguida com 3,20 milhões (13,0%) e o Brasil, na quarta posição, com 2,50 milhões (10,1%).

No Brasil, o boletim Conab de março estima um crescimento na produção de grãos em 1,5% frente à projeção do mês passado, para a safra 2020/21, agora em 272,3 milhões de toneladas; a nova área plantada foi projetada em 68,3 milhões de hectares (+0,9%). No milho, a nova previsão para a produção da primeira safra é 0,6% menor, com um total de 23,5 milhões de toneladas, em uma área 1,9% maior; no entanto, o total para as três safras deve fechar em 108,1 milhões de toneladas, um crescimento de 2,5% no total. Para a soja, o crescimento foi de 1,0% na nova estimativa, com 135,1 milhões de toneladas a serem colhidas e uma área de 38,5 milhões de hectares (+0,5%). Já o algodão, por sua vez, deve produzir 2,51 milhões de toneladas de pluma (-0,5%), queda acentuada devido à mais uma redução na área de plantio, desta vez em 1,5%, a qual fechou em 1,42 milhões de hectares. Por fim, no trigo as estimativas apontam 6,43 milhões de toneladas, o mesmo da estimativa passada, em uma área plantada também igual de 2,39 milhões de hectares.

Outro dado relacionado à produção do milho no Brasil, divulgado pelo IBGE no Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), aponta para uma produção de 103,5 milhões de toneladas de milho em 2021 (ano fiscal), aumento de 0,3% em comparação ao ano passado na produção, e crescimento de 3,0% na área, para 18,9 milhões de hectares. No total, a primeira safra deve representar 24,9% e a segunda os outros 75,1%. As maiores quedas na produção foram apontadas para os estados da Bahia (-5,7%), Paraná (-5,8%) e Rio Grande do Sul (-3,3%). A maior produção deve ficar com o Mato Grosso (33,5 milhões de toneladas), seguido do Paraná (13,6 milhões de tons.).

A agência Reuters, por sua vez, estima que o Brasil deve produzir 108,2 milhões de toneladas de milho na safra atual, 5,54% maior que os 102,5 milhões de toneladas da safra 2019/20. Em linha, a área plantada deve ser acrescida em 1 milhão de hectares, chegando à 19,44 milhões de hectares, segundo a organização. Já dados divulgados pela Safras & Mercado indicam estimativas de produção ainda maiores, em 113,5 milhões de toneladas do cereal.

No Mato Grosso, principal estado produtor, o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (IMEA), em boletim divulgado no início de março, estima uma produção de milho ligeiramente menor na segunda safra: de 36,29 para 36,26 milhões de toneladas; a área também teve redução na estimativa, de 5,69 para 5,68 milhões de hectares. As baixas tem sido causadas por conta do atraso da semeadura do cereal no estado, resultado do plantio tardio da cultura da soja no ano passado e das chuvas atuais, que tem impactado a colheita da oleaginosa. Por

conta disso, segundo o IMEA, até o início de março, 49% dos plantios de milho no Brasil haviam sido concluídos, frente à 74% no mesmo período da safra 2019/20. No Mato Grosso, a estimativa é de 88,32% (97,98% no ciclo anterior).

As preocupações relacionadas com o clima no continente sul americano, a alta demanda do cereal e as possíveis quebras em outras regiões produtoras tem movimentado os preços da *commodity* no mercado internacional. Em 14 de março, os contratos para maio de 2021 fecharam em US\$ 5,495 o bushel na bolsa de Chicago. Na B3, os vencimentos para o mesmo mês (maio de 2021) fecharam em incríveis R\$ 93,00 a saca. No mercado físico, algumas praças também chegaram a registrar preços superiores aos R\$ 90,00, como foi o caso de Campinas – SP, que fechou 14 de março com cotações em R\$ 96,00.

Em meio aos cenários de possíveis baixas na produção global de milho, o Ministério da Agricultura Chinês informou, segundo a Reuters, que vai ampliar em 667 mil hectares a sua área cultivada com o grão farináceo em 2021. Além disso, a organização também informou que deve investir na recuperação de mais de 3,3 milhões de hectares de terras poluídas no país.

Em evento realizado pelo USDA (*Agricultural Outlook Forum*), a organização afirmou que, mesmo com os problemas no atraso do plantio do milho no país, o Brasil deve se apresentar de maneira bastante agressiva no mercado internacional em 2021. Isso deve impulsionar, principalmente, as relações comerciais com a China, que tende a expandir as compras do cereal brasileiro, especialmente após as aprovações para compras de grãos produzidos com cultivares transgênicos (biotecnologia).

Nos Estados Unidos, de acordo com o *US Energy Information Administration* (EIA), a produção de etanol caiu 11,7% no país em 2020, fechando em 13,9 bilhões de galões americanos (-1,85 bilhão de galões). O comportamento tem relação direta com o consumo interno do biocombustível, que caiu 13,2% em 2020, em função dos impactos do isolamento social causados pela pandemia da covid-19. Como consequência, o uso de milho para produção do etanol foi 10% menor no país, fechando o ano em 4,78 milhões de *bushels*.

No México, avançam as discussões envolvendo a proibição da importação e plantio de milho geneticamente modificado. Segundo a Reuters, um adido Mexicano informou que a proposta tem ganhado força internamente. Em tempo, o plano visa substituir, até 2024, mais de 16 milhões de toneladas de milho transgênicos importados (especialmente dos EUA) por grãos que sejam produzidos de forma convencional.

Por fim, uma ótima notícia para o agricultor. Em declaração recente da Ministra da Agricultura, Tereza Cristina, o ministério pretende incluir medidas para o estímulo ao plantio de milho e sorgo no Brasil no próximo Plano Safra, a ser divulgado nos próximos meses. Segundo

dados do MAPA, os produtores já contrataram mais de R\$ 135,3 bilhões em crédito rural na safra 2020/21, valor 17% superior ao total do plano anterior. Desse total, 13% foram direcionados para custeio da produção agropecuária. Além disso, todos os recursos disponibilizados para o programa ABC (recuperação de áreas e redução das emissões de gases de efeito estufa) já foram contratados no plano atual.

Os cinco fatos do milho e do agro para acompanhar agora diariamente em março são:

1. Continuar acompanhando a colheita da cultura da soja e o andamento no plantio do milho safrinha; e os impactos que podem trazer em termos de produção do cereal.
2. Possibilidade de novos casos de peste suína africana na Ásia, indicado e acompanhado pela Organização Mundial de Saúde Animal.
3. Impactos do clima na safra e na colheita do milho na Argentina.
4. Demanda Chinesa por milho no curto prazo: a tendência é que haja uma leve queda temporária nas importações, em função do mercado interno abastecido.
5. Demanda interna do milho não está sendo atendida pelo volume colhido na 1ª safra.

Marcos Fava Neves é Professor Titular (em tempo parcial) das Faculdades de Administração da USP em Ribeirão Preto e da EAESP/FGV em São Paulo, especialista em planejamento estratégico do agronegócio.

Vinícius Cambaúva é Consultor Associado na Markestrat Group, formado em Engenharia Agrônômica pela FCAV/UNESP e aluno de mestrado na FEA/USP em Ribeirão Preto – SP.